

# SUBSÍDIOS AO ESTUDO ARQUEOLÓGICO DOS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE OS POR- TUGUESES E OS INDÍGENAS DA TRADIÇÃO TUPIGUARANI NO NORDESTE DO BRASIL

Marcos Albuquerque  
da Universidade Federal de Pernambuco

Diversos documentos históricos referem-se a instalação, no ano de 1516, no litoral norte do Estado de Pernambuco, de uma base portuguesa, de caráter comercial-militar, sob a responsabilidade de Cristóvão Jaques. Local que mais tarde ficaria conhecido como a "Feitoria de Cristóvão Jaques", e que tinha como objetivos principais o guarnecimento da costa e o comércio do Pau Brasil, *Caesalpinia echinata*, este com considerável valor comercial na época.

Sobre o tema encontra-se vasta documentação na Divisão de Pesquisa Histórica do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. Documentos que foram transcritos ou fotocopiados especialmente na Torre do Tombo, em Portugal e nos "Arquivos de Haia" na Holanda.

Apesar da boa informação documental disponível, não se tinha conhecimento do local exato onde fora instalada esta Feitoria. Estas informações, embora extremamente precisas para o século XVI, visto que conseguia fornecer referências ao navegador lusitano de modo a permiti-lo atravessar o Atlântico, localizar a Ilha de Itamaracá e em

seguida a Feitoria, não possui a precisão necessária à identificação arqueológica do local. Sobretudo em função das modificações referenciais ocorridas na paisagem e agravado pela inexistência de vestígios arqueológicos superficiais. Sabia-se apenas que deveria ter sido instalada em frente a parte sul da Ilha de Itamaracá.

O Laboratório de Arqueologia do Departamento de História, empenhou-se na realização de prospecções, com o objetivo de identificar arqueologicamente o referido Sítio. Após a realização de inúmeros cortes-teste no sentido Sul-Norte em uma extensão de aproximadamente 4Km, foram identificados restos arqueológicos que indicaram ser o Sítio um local de contato euro-indígena. Nesta oportunidade foram iniciadas escavações sistemáticas de onde recolheu-se farto material arqueológico pertencente aos dois complexos culturais distintos, o europeu, português no caso, e o indígena, este integrante da Tradição Tupiguarani.

A escolha do local para a instalação da Feitoria não parece ter sido ao acaso, pois denota a existência de um conhecimento prévio e cuidadoso da região, onde uma vasta gama de fatores, desde os ecológicos aos geográfico-estratégicos, foram considerados.

Por tratar-se de uma região litorânea, sob a influência das marés, as águas continentais mesclando-se com as de origem marinha possibilitam a implantação de três tipos distintos de vegetação em um espaço consideravelmente reduzido. A Mata Atlântica, da qual restam ainda hoje alguns vestígios, recobria grande parte da Ilha, e uma faixa de aproximadamente 50 Km do continente no sentido Este-Oeste. Fornecendo além de uma variada fauna, que garantiria parte da subsistência, uma flora não menos variada em espécies das quais destacou-se o Pau-Brasil. A região ribeirinha ao Canal de Santa Cruz, sob a influência das marés, apresentava uma vegetação de mangue. Predominava na área onde a água penetrava periodicamente o "Mangue Ratinho" (*Conocarpus erectus*). Mais próximo ao Canal, este era substituído pelo "Mangue Branco" (*Laguncularia racemosa*). Nas áreas mais baixas e que passavam a quase totalidade do tempo recobertas pelas águas o predomínio era do "Mangue Roxo" (*Rhizophora mangle*). Atualmente a grande concentração desta vegetação encontra-se na Ilha, em frente ao Sítio, ou no continente nas proximidades da barra. Este tipo de vegetação, embora esteja fixado em área alagadiça, quase sempre dentro da lama, chega a atingir cinco metros de altura. Sua madeira pode ser utilizada tanto para a construção como para combustível. Abriga uma fauna considerável, tanto de aves como de crustáceos e moluscos, além de oferecer pelo seu emaranhado uma barreira, verdadeira paliçada natural, contra a invasão de possíveis inimigos. Entre a Mata e o Mangue a área era recoberta por uma vegetação rasteira de um modo geral herbácea, onde aparece predominantemente Gramineas, Cyperaceas, Mirtaceas, Rosaceas, Solanaceas, dentre outras. Árvores de grande porte já não aparecem mais nas proximidades do Sítio. O cajueiro (*Anacardium occidentale*) é um dos representantes de maior porte. Inclusive este, segundo inúmeros autores, entre os quais, destaca-se o Padre Simão Vasconcelos (1865) foi de grande importância na alimentação indígena, motivando ciclos migratórios em função do seu período de frutificação.

A paisagem que os portugueses encontraram ao desembarcar em terras pernambucanas diferia completamente da encontrada na atualidade. Diferenças não apenas na cobertura vegetal mas também na topografia da área. Os primeiros contatos havidos entre os portugueses e os indígenas, neste Sítio, ocorreu aproximadamente a dois metros abaixo do nível atual do solo, e a vários metros para o interior do canal de

Santa Cruz. Parte da praia atual, bem como trecho do leito do Canal, faziam parte da área do Sítio. Encontrou o português, um arenito aflorante, sobre o qual se instalou. Esta plataforma natural, além de servir de porto, possibilitava um franco acesso, seco e sólido ao contrário das áreas circunvizinhas recobertas de lama. A estas vantagens acrescenta-se a posição estratégica do local, pois as duas possíveis entradas navegáveis, a barra e Itapissuma nos extremos sul e norte da Ilha, são deste ponto completamente visíveis. A grande concentração de material arqueológico, tanto português quanto indígena, depositado sobre o arenito, confirma a hipótese de seu afloramento naquela época. Logo após a instalação lusitana, a paisagem passou a sofrer intensa modificação em função dos seus hábitos e interesses. A Mata Atlântica, que se estendia em direção ao Canal até as proximidades do arenito, foi a grande fornecedora de madeira para a construção da Feitoria, bem para atender ao comércio da época, ou ainda para utilização como combustível. Teve início, desta forma, paralelamente a instalação da Feitoria, o primeiro processo significativo de desmatamento da região. Este processo foi sensivelmente acelerado com a instalação de campos agrícolas. O comércio e a procura de madeira para construção obedece a uma derrubada seletiva, o mesmo não ocorrendo para a instalação de um campo agrícola onde toda a área é desmatada. Outro aspecto que muito contribuiu para o desmatamento intensivo foi a segurança da Feitoria, pois os portugueses não se sentiam protegidos quando cercados pela mata. Podiam ser atacados por índios ou por animais selvagens. Estudando o período colonial no Nordeste do Brasil, Gilberto Freyre (1958) afirma que: "O homem da casa grande sem saber ao certo quais seus inimigos perigosos, foi criando um medo exagerado do ar, "do sereno", da água, do sol; de toda a proximidade da mata...". Este estudo, embora seja referente a uma época um pouco mais recente, não deixa de refletir o quadro inicial da fixação lusitana. O ambiente desconhecido para o português oferecia a possibilidade de surpresas desagradáveis, especialmente por parte dos indígenas que estavam profundamente identificados com a mata, podendo deslocar-se com grande facilidade e sobretudo com habilidade, quase sem ruídos denunciadores da sua presença. Estavam em seu "Habitat". A solução encontrada, pois, foi o desmatamento. E foi levada tão a sério que pouco mais de um século após a instalação da Feitoria, por ocasião da ocupação holandesa, se tinha dificuldade até em se conseguir lenha em alguns pontos do litoral, outrora recobertos pela mata. Gonsalves de Mello (1947) referindo-se ao assunto afirma que "atualmente há três ou quatro navios com a incumbência de buscar lenha porque ela é escassa aqui (Recife) que os soldados muitas vezes precisavam cavar uma hora ou mais para obter a raiz de uma árvore para cozinhar seu alimento" e "muitas vezes os que não se aplicam neste trabalho, tem que comer os alimentos crus...". Algumas vezes chegavam até, segundo o mesmo autor, a esperarem raspas de madeira vindas em navios da Europa. Entre as inúmeras consequências deste desmatamento destaca-se as grandes modificações ocorridas na topografia local. Com a falta da vegetação, elemento de grande poder anti-erosivo, o solo arenoso começou a ser rapidamente carregado para as partes mais baixas, oriundo das circunvizinhanças do sítio. Consequentemente a área onde foi instalada a Feitoria, que permanecera com o arenito a descoberto por longo tempo antes da chegada dos portugueses, foi recebendo rapidamente o material carregado, tendo evidentemente o seu nível elevado. Grande parte deste material erodido foi depositado diretamente no Canal e transportado por este para outras regiões. Na atualidade, o avanço marinho que provoca evidentemente um aumento do nível do Canal de Santa Cruz, promove um retrabalhamento deste material, destruindo grande parte do Sítio, que hoje se encontra sob as águas. Diversos cortes realizados em direção ao centro do Canal, por

ocasião da baixa-mar, revelaram a existência de material arqueológico, comprovando a extensão do Sítio naquela direção.

O terraço sedimentar que compõe os diversos níveis deste Sítio é de um modo geral claro e bastante arenoso. A sua formação consideravelmente rápida associada a sua composição, impediram o aparecimento de limites rígidos entre as três camadas identificadas, embora se possa perceber uma pequena variação na coloração em virtude de uma variação na concentração de material de origem orgânica. Solo de grande porosidade, do tipo Podzol, permite uma grande lixiviação, onde por infiltração é carregada grande quantidade de matéria orgânica. Consequentemente cada vez mais os níveis vão se tornando arenosos e mais claros. Sobre o arenito se processa uma deposição de ferro e alumínio, que se encontravam como componentes do solo original, tornando os níveis mais profundos de coloração amarelada. Neste conjunto estratigráfico foi coletado, nas escavações sistemáticas, realizadas em níveis artificiais de 10 cm, 3098 fragmentos de cerâmica pertencentes aos dois complexos, o português e o indígena.

A cerâmica indígena, integrante da fase Itapacurá, descrita por Marcos Albuquerque (1969), é constituída por três tipos básicos, o Itamaracá, o Itapissuma e o Igarauçu, estando filiada a sub-tradição pintada da Tradição Tupiguarani. Neste Sítio 35,9% desta cerâmica é decorada, predominando a pintada sobre a plástica. Considerando-se como universo de cálculo o total de decorações, possui maior popularidade o vermelho sobre o branco, representando 39,8% das decorações. O engobo branco, que se faz representar em 33,4%, foi considerado estatisticamente como uma categoria, apesar de efetivamente não se tratar de uma decoração específica, pois deverá ter servido como base a uma pintura. Entretanto este procedimento possibilita a inclusão destes fragmentos na categoria de decoração pintada sem contudo filiá-los a nenhuma pintura. Em escala decrescente de popularidade, representando 14,8% das decorações, aparece o vermelho e preto sobre branco. Gozando de menor popularidade dentre as decorações pintadas, com apenas 5,1%, aparece o preto sobre o branco. A decoração plástica é pouco representativa se comparada com a pintada. Aparece o acanalado representado pela taxa de 3,2%, a borda talhada por 1,9%, o ungulado por 1,2%, e o escovado por 0,6%. Estes fragmentos, inclusive os pintados, se encontram em bom estado de conservação, permitindo inclusive a observação de nuances nas cores utilizadas.

Considerando-se todos os tipos de decoração que aparecem neste Sítio, tanto plástica quanto pintada, observa-se a predominação sobre o tipo Itamaracá, com uma representação percentual de 61,6%. O tipo Itapissuma possui 28,8% de seus fragmentos decorados, enquanto que o tipo Igarauçu apenas 9,6%. Indubitavelmente a popularidade do Itamaracá decorado sobrepunha-se sobre os demais. Considerando-se como universo o total de cada decoração, estas apresentam-se de modo diferenciado sobre os três tipos básicos. O vermelho sobre branco encontra-se representado em 62,9% no tipo Itamaracá, em 25,8% no Itapissuma e em 11,3% no Igarauçu. O engobo branco, também concentrado no tipo Itamaracá se representa em 63,5%; o equivalente a 28,8% encontra-se sobre o Itapissuma e apenas 7,7% sobre o tipo Igarauçu. O vermelho e preto sobre branco também é mais executado sobre o tipo Itamaracá, onde se distribui representando 69,6% desta decoração. Não aparece o tipo Igarauçu, e representa 30,4% sobre o tipo Itapissuma. Das decorações plásticas a mais significativa é o acanalado que se distribui igualmente nos tipos Itamaracá e Itapissuma, com 40,0% em cada um destes tipos. No tipo Igarauçu encontram-se apenas 20,0% dos acanalados. Borda talhada apa-

rece apenas três fragmentos, um em cada tipo básico. Ungulado é também muito mal representado com apenas dois casos sobre o tipo Itamaracá. Escovado aparece apenas no tipo Igarauçu, representado por um único fragmento.

Aparece na cerâmica indígena, deste Sítio, cinco formas de vasilhames. A forma I é a mais popular atingindo a taxa percentual de 36,6%. De um modo geral os vasilhames deste tipo possuem um diâmetro de boca que varia de 24cm. a 23cm. Possuem a forma de meia calota com base arredondada, bordas diretas e lábios redondos. A forma II representa apenas 10,0% das formas encontradas. Trata-se de assadores com base plana ou ligeiramente arredondada, borda direta e lábios arredondado. A forma III tem seu grau de popularidade representado pela taxa percentual de 16,6%. Possui borda reforçada externamente, lábio apontado com tendência a arredondado e base semi-plana. Esta forma se apresenta com tendência quadrangulóides. A forma IV, representada pela taxa percentual de 16,6%, possui aproximadamente 16cm de diâmetro de boca, com lábios arredondados, bordas reforçadas externamente e base ligeiramente arredondada. A forma V, que representa 13,3%, possui aproximadamente 18cm de diâmetro de boca, com lábios arredondados, base arredondada, borda extrovertida, ocorrendo algumas ligeiramente expandidas.

A cerâmica colonial portuguesa, encontrada neste Sítio, foi classificada em quatro grandes categorias: a) cerâmica utilitária elaborada exclusivamente em argila; b) louça incluindo o tipo faiança; c) moldados incluindo tijolos e telhas; d) cachimbos elaborados em argila. Embora na realidade o complexo cerâmico trazido pelos portugueses para este Sítio, seja constituído por estas quatro categorias, para fins de estudo comparativo com a cerâmica indígena será considerado como universo de cálculo, a cerâmica utilitária incluindo as louças. Por implicações de ordem teórica, esta cerâmica ainda não foi filiada a nenhuma fase. Entretanto encontram-se definidos alguns tipos básicos que a compõe. A cerâmica utilitária elaborada exclusivamente em argila, é constituída pelos tipos Santa Cruz e Beeme. A decoração desta cerâmica, em ordem decrescente de popularidade, é representada pela vitrificação amarela com 51,4%; seguida da vitrificação vermelha com 20,3%; vitrificação marrom com 9,3%; incisa com 7,1%; benho vermelho com 6,0%; acanalado com 5,4% e escovado com 0,5%.

Aparece na cerâmica colonial utilitária sete formas de vasilhames, das quais as formas I, II, III, IV e VII sobre o tipo Santa Cruz e as formas I, V e VI sobre o tipo Beeme.

A louça do tipo faiança possui como pasta, argila pura, bastante fina. Sobre a forma elaborada em argila é aplicado um banho branco acima do qual são efetuadas pinturas manuais. Aparece o roxo sobre o branco ou azul sobre o branco, ou a associação destas duas cores sobre o branco. Apareceram principalmente pequenas tijelas com 20cm de diâmetro de boca, com bordas ligeiramente dobradas ou ligeiramente reforçadas externamente, lábios arredondados, base anelar. Foram encontrados também pratos com 22cm de diâmetro, com borda direta, lábio arredondado, base anelar. O tipo azul sobre branco representa 92,0% do total desta modalidade, enquanto que o tipo azul e roxo sobre branco representa 6,4%. Os fragmentos totalmente brancos, que representam apenas 1,6% não deverão ser encarados como um tipo de decoração, entretanto foram registrados à parte em virtude da impossibilidade de filiá-los a qualquer decoração.

A porcelana, que possui a pasta e a dureza muito semelhante à louça atual, difere desta sobretudo na decoração. Aparecem especialmente pratos, xícaras e pires.

Aparece muita louça de origem inglesa, importada pelos portugueses. Esta louça apresenta um número mais variado de decoração que a faiança. Em ordem decrescente de popularidade é representada por 35,0% de fragmentos brancos; 28,9% azul sobre branco; 13,0% amarelo; 4,0% preto; marrom e amarelo sobre branco; 4,3% azul e cinza sobre branco; 2,9% roxo-preto-vermelho sobre branco; 1,4% azul e marrom sobre branco.

Neste Sítio pode-se observar diversas etapas do contato euro-indígena que tiveram lugar por ocasião das primeiras tentativas de fixação portuguesa na região. Com base na distribuição do material arqueológico, representado pela sequência seriada, este Sítio foi dividido em quatro períodos de contato que serão denominados de período I, II, III e IV respectivamente. Embora estes períodos possuam uma conotação cronológica, fundamentalmente refletem etapas ou talvez modalidades de contato. Estas etapas ou modalidades ocorridas neste Sítio estariam diretamente ligadas às diversas facetas econômicas inerentes ao tipo de fixação tentado pelo português. Como o contato de fixação do português, este mudava de aspecto tão logo mudassem os interesses portugueses na área.

O período I corresponderia a primeira etapa do contato, coincidindo com a chegada dos portugueses. Nesta oportunidade os lusitanos mantiveram os primeiros contatos com os indígenas da área, e procuraram dar, com a ajuda dos nativos, os primeiros passos para a sua fixação. Provavelmente os portugueses deveriam dispor de poucos recursos materiais como também deveriam constituir apenas um pequeno efetivo numérico. Através de trocas deveriam obter recursos complementares, como utensílios de cerâmica, etc. Neste aspecto, inclusive, a colonização portuguesa foi muito mais flexível que a de outros povos. No início deste período houve uma predominância do material indígena sobre o colonial. Gradativamente porém, foi havendo uma fixação do português e uma conseqüente redução do material indígena. Este período terminaria na oportunidade em que houve uma quase igualdade percentual entre o material faiança na sua fase inicial, terminando antes da introdução da porcelana.

O início do período II corresponderia a uma época onde deve ter havido um incremento na fixação portuguesa. Isto devido, talvez, a chegada de barcos da Europa. Neste período nota-se um declínio acentuado da cerâmica indígena, e um aumento da cerâmica de tradição portuguesa. Este período estaria caracterizado pela introdução da faiança na sua fase inicial, terminando antes da introdução da porcelana.

O período III teria início com a introdução da porcelana. Nesta ocasião a cerâmica indígena já se encontrava em franca decadência percentual junto da colonial. Aparece, nesta época, bastante tijolos e telhas denotando uma fixação mais sólida dos portugueses. O desaparecimento da cerâmica indígena marcaria o final deste período.

Finalmente o período IV corresponderia à última fase da ocupação do Sítio. O desaparecimento da cerâmica indígena marca seu início. Aparecem ainda neste período bastante tijolos e telhas na sua fase inicial. Com o final deste período o Sítio seria abandonado.

Durante os quatro períodos de ocupação deste Sítio houve algumas modificações na cerâmica indígena. A princípio os portugueses necessitavam mais dos utensílios indígenas, que estes dos portugueses. Entretanto à medida que o contato foi se intensificando, as trocas passaram a ser muito importantes especialmente para os indígenas. Pois, se inicialmente houve desconfiança ou mesmo rejeição por parte dos

nativos, após um certo período tornou-se uma necessidade. Passaram a depender de instrumentos da tecnologia européia, conseqüentemente alterando sua unidade cultural em virtude das pressões exercidas pelo grupo economicamente mais forte, os portugueses. A cerâmica como tal, ou simplesmente como "embalagem" para outros produtos como a farinha de mandioca, etc., deve ter sido um elemento importante nas trocas, para os indígenas. A medida que eles necessitavam de mais utensílios europeus como machados, facas, etc., mais vasilhames de cerâmica se faziam necessários. Este fator, associado a prováveis desagregações dos padrões culturais, fizeram com que houvesse, ao longo do contato, uma substituição da qualidade pela quantidade de sua cerâmica. O nível de elaboração no período I não é mais conseguido nos períodos seguintes. O tipo Itamaracá, que é o mais bem elaborado e que caracteriza praticamente a cerâmica indígena no Período I, perde consideravelmente a sua importância nos períodos seguintes, cedendo a sua popularidade aos tipos Itapissuma e Igarauçu. O tipo Itapissuma parece ser uma transição entre o Itamaracá e o Igarauçu. Tanto o Itapissuma quanto o Igarauçu são bem mais rústicos que o Itamaracá, refletindo a falta de esmero na sua fabricação. A relação entre a cerâmica simples e a decoração também reflete a problemática da desagregação dos padrões indígenas. A cerâmica decorada, característica do período I tem seu grau de popularidade sensivelmente abalado nos períodos seguintes, onde começa a predominar a cerâmica simples sobre a decorada.

A análise da cerâmica colonial portuguesa reflete a ocorrência de um fenômeno diferente ocorrido com a cerâmica indígena. Os portugueses quando chegaram ao Brasil, já possuíam uma vasta experiência ceramista, ligada a sua tradição por vários séculos. Durante o contato que estabeleceram neste Sítio, mantiveram praticamente inalterados os padrões de sua cerâmica. Entretanto introduziram, em diferentes épocas, tipos cerâmicos diferentes dos que haviam inicialmente trazido. Por ocasião do período I predominava os tipos Santa Cruz e Beeme. Esses tipos, embora continuassem mantendo os seus padrões, tiveram a sua popularidade abalada com a introdução da faiança. Esta louça começou a substituir funcionalmente, e com muito melhor aparência, alguns vasilhames, especialmente tijelas e pratos dos tipos Santa Cruz e Beeme. Com a introdução da porcelana no período III, decaí ainda mais a importância dos tipos Santa Cruz e Beeme, havendo um aumento dos moldados, tijolos e telhas. Observa-se pois, que as grandes modificações na cerâmica colonial, neste Sítio, não foram devido à modificações ocorridas na cerâmica quanto a sua confecção, mas sim em função da introdução de tijolos já conhecidos pelos portugueses. Foi sobretudo uma modificação da popularidade dos diversos tipos em diferentes épocas.

#### NOTAS

ALBUQUERQUE, Marcos

1969 **O Sítio PE 13-Ln (um sítio de contato interétnico.** Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo — RGS.

FREYRE, Gilberto

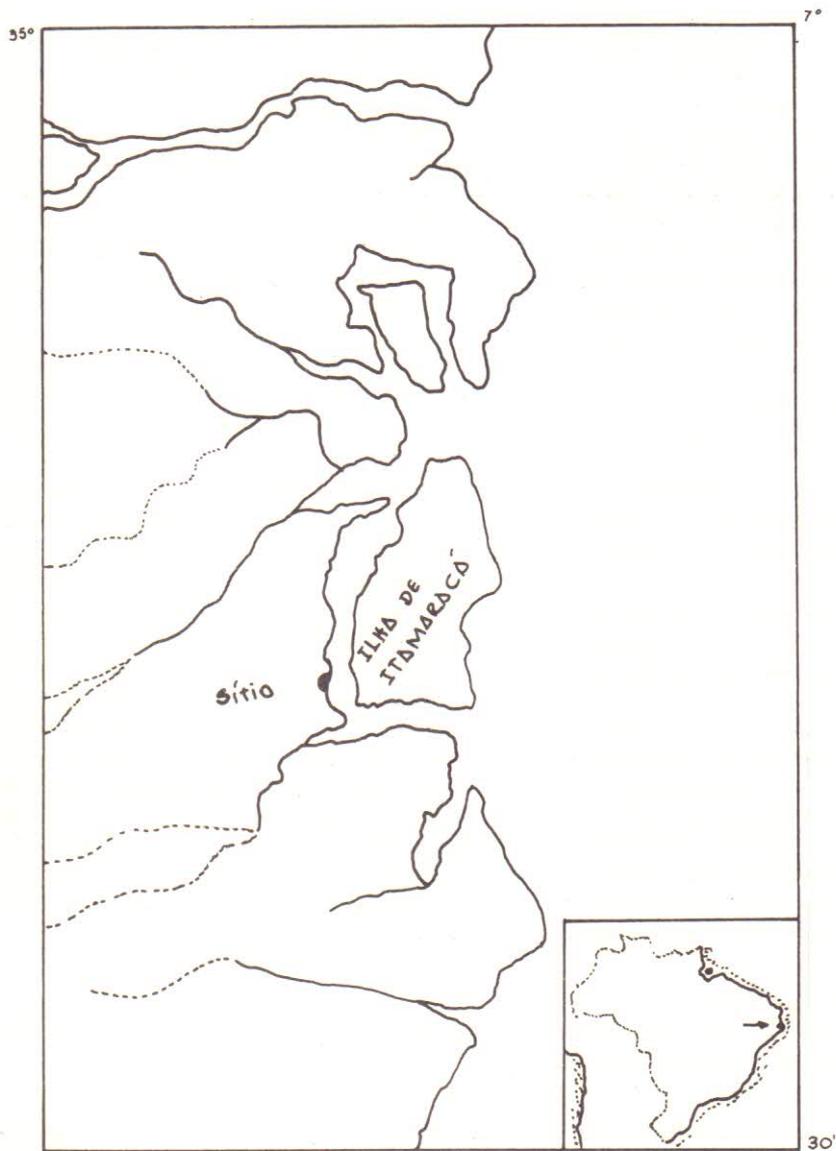
1958 **Casa Grande & Senzala**, 9.ª edição Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro.

GONSALVES de Mello, J. A.

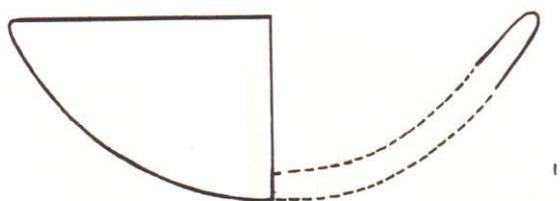
1947 **Tempo dos Flamengos.** Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro.

VASCONCELOS, Pe. Simão

1965 **Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil.** Livraria de Antônio José Fernandes Lages. Lisboa.



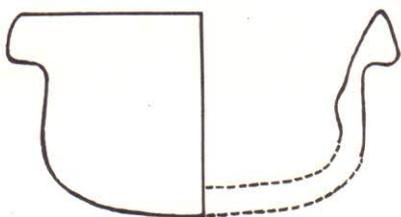
cerâmica indígena



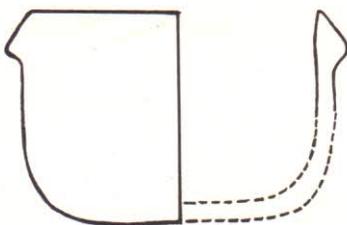
I



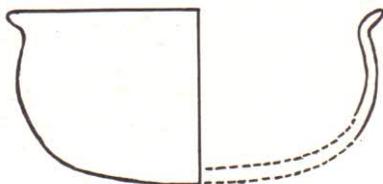
II



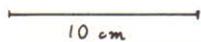
III



IV



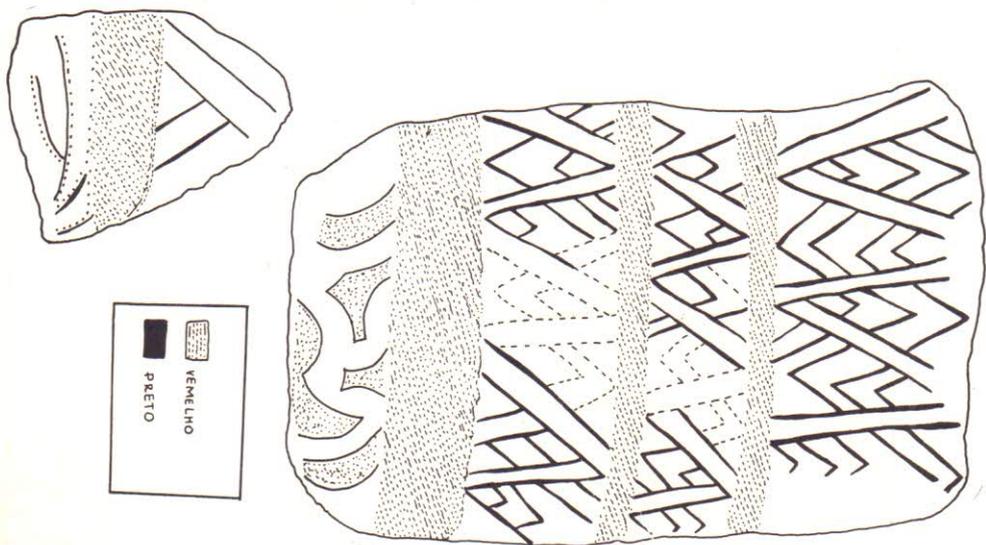
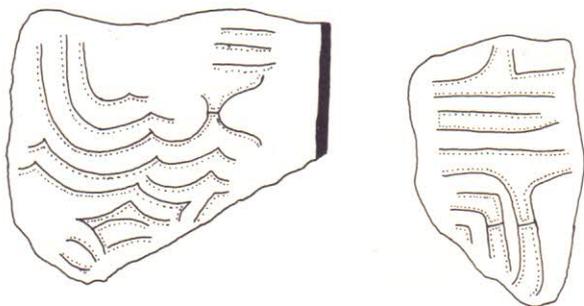
V



10 cm

FIGURA II

FIGURA IIIA  
ALGUNS MOTIVOS DA DECOORAÇÃO  
BRANCO DA CERÂMICA INDIGENA PRETO SOBRE



FORMAS DA CERÂMICA COLONIAL

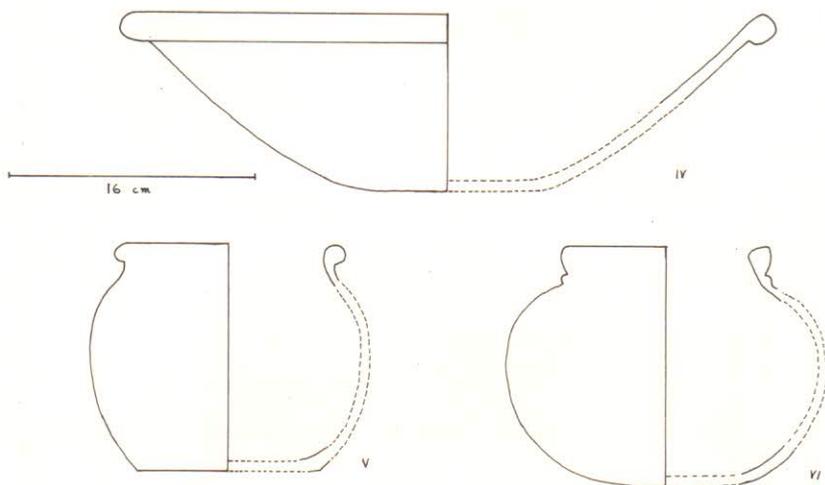
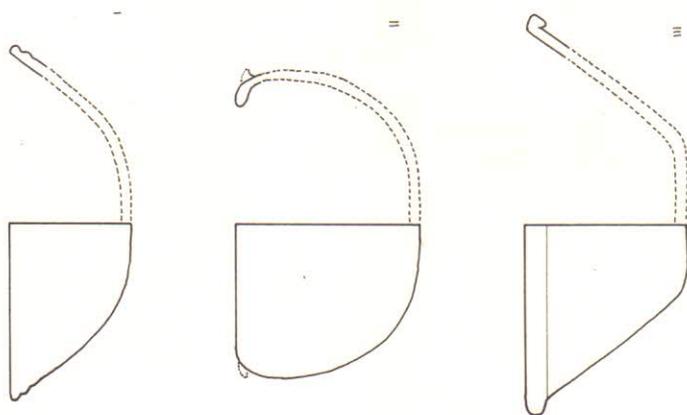


FIGURA IV A

FORMAS DA CERÂMICA COLONIAL



16 cm

FIGURA IV

SERIAÇÃO: AS CERÂMICAS INDÍGENA E COLONIAL

